

Introdução

No ano 401 a.C., um grupo de soldados gregos marcha até ao interior do Império Persa. Os gregos, aproximadamente dez mil, fazem parte do exército de Ciro, irmão do rei persa Artaxerxes II, e participam numa guerra civil entre os dois.

Os exércitos dos dois irmãos defrontam-se em setembro de 401 a.C. na planície de Cunaxa, perto de Babilónia, no atual Iraque. Nessa batalha, apesar de os gregos saírem vitoriosos no flanco que ocupam, Ciro é morto. Os comandantes dos soldados gregos são posteriormente atraídos a um banquete, aprisionados e mais tarde executados pelos partidários do rei persa vitorioso.

Dez mil soldados gregos ficam assim isolados no interior de território hostil, sem liderança, a milhares de quilómetros das suas casas. O modo como os “Dez Mil” — nome pelo qual os mercenários de Ciro têm sido conhecidos ao longo dos tempos — efetuam a marcha inicial até ao campo de batalha de Cunaxa e como conseguem regressar à Grécia é relatado na *Anábese*, escrita por Xenofonte, um dos generais que os comandou.

Anábese é uma palavra de origem grega que significa, neste contexto, marcha desde a costa para o interior. É por este nome que a obra aparece referida por Diógenes Laércio (*Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, 2.57) na lista que apresenta das obras escritas por Xenofonte, e é deste modo que a obra é tradicionalmente referida.

INTRODUÇÃO

Em sentido estrito, tal definição corresponde apenas ao primeiro capítulo desta narrativa, que descreve a marcha do exército de Ciro desde Éfeso, na costa oriental do Mar Egeu, até Cunaxa, no interior do Império Persa. No entanto, a fama desta obra de Xenofonte, que tem impressionado leitores ao longo dos séculos, assenta na descrição da retirada destes gregos desde o campo de batalha de Cunaxa, cruzando rios, atravessando montanhas, lutando contra persas, contra tribos hostis, aqui encontrando quem os ajudasse, ali forçados a lutar pela sua sobrevivência, até alcançarem a cidade grega de Trebizonda, na costa sul do Mar Negro.

A *Anábase* narra, ainda, as peripécias dos gregos enquanto se dirigem de Trebizonda de regresso à Grécia, apanhados num conflito de interesses entre as duas potências da época, a Pérsia Aqueménida e Esparta, até que, finalmente, entram ao serviço da última contra a primeira.

A *Anábase* permite-nos observar muitos detalhes de como era a vida no século IV a.C.: nela estão presentes o dia-a-dia do exército, os banquetes, os festivais, as competições desportivas, a escravatura, a sexualidade, a religião, os valores, os medos e desejos, surpreendendo-nos frequentemente pela descrição gráfica, por vezes brutal, desses aspetos. Por tudo isto, para além de ser uma história cativante, a *Anábase* constitui uma fonte de inultrapassável valor para quem estuda a Grécia Clássica e a Pérsia Aqueménida.

Xenofonte

A *Anábase* foi escrita por um dos seus participantes, Xenofonte de Atenas. O seu biógrafo da antiguidade, Diógenes Laércio, introdu-lo assim na sua obra:

“Xenofonte era filho de Grilo, um ateniense da *deme* de Erquia.

A EXPEDIÇÃO DOS DEZ MIL

Era modesto e muitíssimo bonito. Dizem que Sócrates o encontrou numa ruela e lhe bloqueou a passagem com o seu bastão, enquanto lhe perguntava onde poderiam ser adquiridos determinados produtos. Quando Xenofonte respondeu, Sócrates novamente lhe perguntou onde é que os homens se poderiam tornar honrosos e virtuosos. Xenofonte confessou a sua ignorância, e Sócrates respondeu-lhe: ‘então segue-me e aprende’; e a partir dessa data Xenofonte tornou-se um discípulo de Sócrates”. (Diógenes Laércio, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, 2.48)

Não se sabe quando nasceu Xenofonte. A *Anábese* sugere que era mais novo que o seu amigo Próximo, o qual tinha “cerca de trinta anos” (2.6.20 e 3.1.14) à data dos acontecimentos. A maioria dos estudiosos coloca, por isso, a data do seu nascimento um pouco depois de 430 a.C.¹

Terá nascido em Atenas: estava-se então no início da Guerra do Peloponeso, opondo Atenas a Esparta, e toda a população rural daquela cidade se refugiou dentro das suas muralhas. Não há, no entanto, registo de que a família de Xenofonte ainda morasse em Erquia, onde os seus antepassados se tinham registado no final do século VI a.C., mas esta era sem dúvida rica e bem relacionada.

Xenofonte terá tomado parte em combates no final da Guerra do Peloponeso, que terminou em 404 a.C. com a derrota de Atenas e a instalação de um governo oligárquico na cidade, apoiado por Esparta. Este governo, conhecido como o dos “Trinta Tiranos”, foi de curta duração. Xenofonte parece ter estado alinhado com ele até ao fim, impressão que surge não só devido à sua origem aristocrática, como também pela perspetiva que nos deixou na descrição que faz da queda deste regime no livro quarto das *Helénicas*, outra das obras que escreveu.

¹ Vide, por exemplo, J.K. Anderson, *Xenophon* (Londres, 1972), pp.8–9.

LIVRO I

I

Dario e Parisátis tinham dois filhos: ao mais velho chamaram Artaxerxes e ao mais novo Ciro. Encontrando-se Dario doente e sentindo que se aproximava o fim da sua vida, quis que ambos os seus filhos estivessem consigo. Quis a sorte que o mais velho já lá estivesse, mas Ciro encontrava-se na província de que fora nomeado sátrapa, assim como comandante de todas as forças que se concentram na planície de Castólio⁹, pelo que teve de ser chamado.

Ciro partiu então para o interior do país, levando consigo Tissafernes, a quem tinha como amigo. Iam acompanhados por uma escolta de trezentos hoplitas gregos sob o comando de Xénias de Parrásia.

Após a morte de Dario e de Artaxerxes ter assumido o trono, Tissafernes acusou Ciro perante seu irmão, o Rei, de conspirar contra ele. Artaxerxes, dando crédito às palavras de Tissafernes, prendeu Ciro. Considerava condená-lo à morte, mas sua mãe intercedeu junto dele, pelo que a vida de Ciro foi salva. Ciro foi então enviado de volta para a sua província.

Tendo escapado com desonra e muito perigo, Ciro começou a considerar como poderia evitar cair de novo em poder de seu ir-

⁹ Esta ficava situada perto de Sardes e era o ponto de reunião de todas as forças persas do ocidente da Ásia Menor. Vide Xenofonte, *Helénicas*, 1.4.3.

mão e também como se poderia tornar Rei no seu lugar. Recorreu primeiro a sua mãe, Parisátis, pois ela tinha por si mais amor do que por Artaxerxes. Para além disso, cortejava de tal maneira todos aqueles que vinham da corte do Rei que, quando partiam, eram mais seus amigos do que do Rei seu irmão. Também não negligenciou os bárbaros¹⁰ ao seu serviço, assegurando-se de que eram guerreiros capazes e seus devotos partidários. Por fim, começou a reunir as suas tropas gregas, em segredo, de modo a que pudesse surpreender Artaxerxes.

Recrutou as suas tropas do seguinte modo: em primeiro lugar, Ciro ordenou a todos os seus comandantes de guarnição nas cidades da sua província que contratassem o maior número de soldados do Peloponeso, da melhor qualidade possível, usando o pretexto de que Tissafernes conspirava contra as suas cidades. Tal era plausível, pois as cidades da Jónia tinham originalmente pertencido a Tissafernes, tendo-lhe sido dadas pelo Rei, mas, por esta altura, todas o tinham abandonado em favor de Ciro. Apenas em Mileto, onde Tissafernes tinha sido avisado de que os habitantes também o queriam abandonar, tinha conseguido frustrar os conspiradores, executando uns e enviando outros para o exílio.

Ciro, por seu lado, recebeu esses fugitivos, reuniu um exército e pôs cerco a Mileto por terra e por mar, procurando restabelecer os exilados. Tal acabou por lhe fornecer um pretexto adicional para recrutar forças. Ao mesmo tempo, apelou para Artaxerxes e argumentou que, sendo irmão do Rei, estas cidades lhe deveriam ser entregues a si e não a Tissafernes, argumento no qual teve o apoio da rainha sua mãe. Deste modo, o Rei não foi capaz de ver a conspiração que existia contra si, pois pensava que Ciro gastava dinheiro e recrutava soldados para lutar contra Tissafernes. Nem o incomodava muito que os dois se encontrassem em guerra, sobre-

¹⁰ Os gregos chamavam bárbaros a todos os povos que não eram gregos.

A EXPEDIÇÃO DOS DEZ MIL

tudo porque Ciro tinha tido o cuidado de lhe enviar o tributo que dizia respeito às cidades que tinham sido pertença de Tissafernes.

No Quersoneso¹¹, em frente de Ábidos, Ciro reunia um terceiro exército, o qual tinha a seguinte origem: existia um exilado espartano, de nome Clearco, que Ciro tinha conhecido. Ciro ficara impressionado com este homem e presenteou-o com dez mil dáricos¹². Clearco mobilizou um exército com este dinheiro e começou a usar o Quersoneso como base de operações contra os trácios a norte do Helesponto¹³. Tal ia de encontro ao interesse dos gregos, de modo que as comunidades helespontinas, por sua livre iniciativa, contribuíam com fundos para sustentar as tropas de Clearco. Deste modo, outro exército estava a ser mantido para Ciro, sem levantar suspeitas.

Ciro era também amigo do tessálio Aristipo. Este, em dificuldades por causa de opositores políticos na sua cidade, tinha vindo ter com Ciro para lhe pedir os fundos necessários para pagar dois mil mercenários durante três meses, o que lhe permitiria vencer os seus adversários. Ciro ofereceu-lhe o soldo para quatro mil mercenários durante seis meses, estipulando apenas que Aristipo não estabelecesse acordos com os seus adversários sem o consultar. Deste modo, um quarto exército era mantido, na Tessália.

Por fim, instruiu Próxeno, um beócio, seu amigo, que reunisse o maior número de homens que pudesse e que se lhe juntasse numa campanha que planeava realizar contra o território dos Pisídios, os quais causavam problemas nos seus domínios. De modo semelhante, ordenou a outros dois amigos seus, Soféneto de Estínfalo e Sócrates da Acaia, que reunissem o maior número possí-

¹¹ A atual península de Galípoli na Turquia.

¹² O dárico era uma moeda de ouro persa, que pesava 8,3 gramas. Equivalia a 25 ou 26 dracmas áticas. Vide Pierre Briant, *Histoire de L'empire perse de Cyrus à Alexandre* (Leiden, 1996), vol.I, pp.420.

¹³ O estreito dos Dardanelos.

LIVRO I

vel de homens e se lhe juntassem, uma vez que se preparava para iniciar uma campanha, com os exilados de Mileto, contra Tisaffernes. Estas ordens foram prontamente cumpridas pelos oficiais em questão.

II

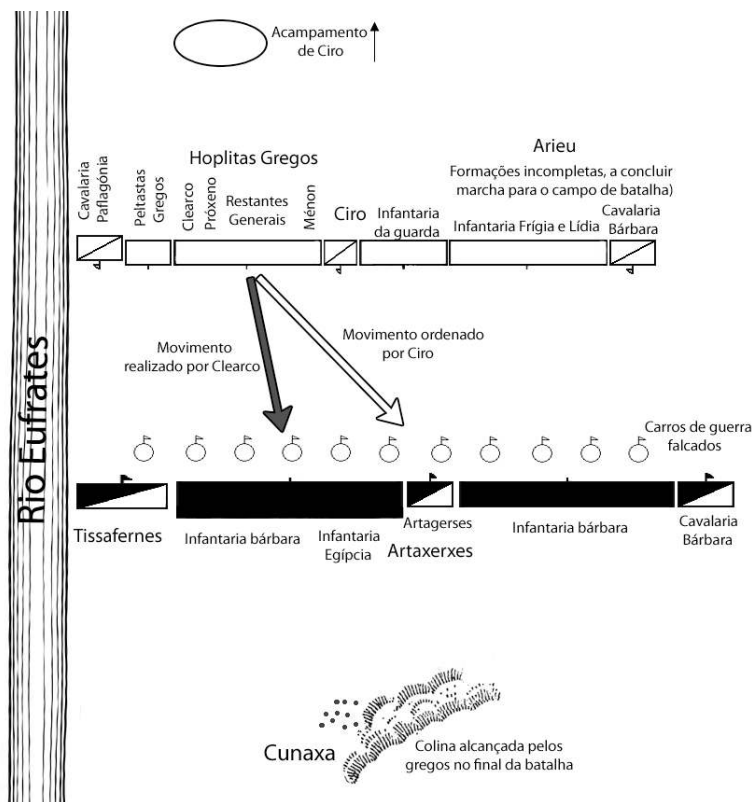
Quando lhe pareceu ter chegado o momento de iniciar a sua expedição para o interior, usou como pretexto o desejo de expulsar os pisídios do seu território e começou a reunir os seus contingentes bárbaros e gregos como se fosse marchar contra aquele país.

As suas ordens partiram em todas as direcções: para Clearco, que se lhe juntasse ali com a totalidade do seu exército; para Aristipo, que chegasse a acordo com os seus adversários e lhe enviasse todas as tropas sob seu comando; a Xénias da Arcádia, o qual comandava todas as guarnições mercenárias nas cidades, que se lhe apresentasse com todos os homens disponíveis, excetuando apenas aqueles estritamente necessários à guarnição das cidadelas.

Em seguida convocou as tropas que se encontravam ocupadas no cerco de Mileto e apelou aos exilados desta cidade para que o seguissem na expedição que pretendia realizar, prometendo-lhes que, se fosse bem-sucedido, não descansaria enquanto não os tivesse reinstalado na sua antiga cidade. Este apelo foi acolhido com entusiasmo, pois os exilados confiavam nele e, assim, apresentaram-se com as suas armas em Sardes.

Xénias apresentou-se em Sardes com quatro mil hoplitas provenientes das guarnições das cidades, enquanto Próxeno o fez com mil e quinhentos hoplitas e quinhentos homens de infantaria ligeira; Soféneto de Estínfalo apresentou-se com mil hoplitas; Sócrates da Acaia com cerca de quinhentos hoplitas; enquanto Pásion de Mégara trouxe trezentos hoplitas e trezentos peltastas

A EXPEDIÇÃO DOS DEZ MIL



Mapa 2 – A Batalha de Cunaxa

Plutarco dá-nos o nome da localidade na qual se travou a batalha e também é ele que nos diz que Cunaxa ficava a cerca de cem quilómetros de Babilónia (Plutarco, *Artaxerxes*, 8.2).

A rápida marcha de Ciro até ao campo de batalha surpreendeu estrategicamente Artaxerxes. Este, que tinha ordenado uma concentração das suas tropas em Ecbátana, preparava-se para não contestar a importante cidade de Babilónia, pois a rapidez de Ciro não lhe permitiu concluir os seus preparativos. No entanto, Tiribazo, sátrapa da Arménia, convence Artaxerxes a não retirar mais para o interior do império e a enfrentar o seu irmão imediatamente, pois a sua superioridade já seria suficiente (Plutarco, *Artaxerxes*, 7.2).

Ciro é então, por sua vez, apanhado de surpresa pelo inesperado avanço do exército do Rei e forçado a dar batalha com a sua ala esquerda ainda em marcha para o campo de batalha. A sua ordem a Clearco é uma tentativa de última hora de resolver este problema, mas Clearco não executa o ataque num ângulo tão oblíquo quanto Ciro pretendia, por medo de expor demasiado o seu flanco direito.

Neste momento, *Ciro*, cavalgando acompanhado apenas por *Pigres*, o seu intérprete, e três ou quatro outros, ordenou em voz alta a *Clearco* que marchasse contra o centro do inimigo, pois aí se encontrava o *Rei*, “e se vencermos nesse ponto”, acrescentou, “aquilo que viemos aqui fazer estará terminado”.

Clearco, embora pudesse ver a massa compacta no centro da formação inimiga e tivesse sido informado por *Ciro* que o *Rei* não estava ao alcance da esquerda do seu exército (pois, dada a sua superioridade numérica, o *Rei*, embora permanecendo no seu centro, estava ainda à esquerda de *Ciro*), hesitava em afastar a sua ala direita do rio, por medo que fosse rodeada e cercada. Respondeu então a *Ciro* que se asseguraria que tudo corresse bem.

O exército do *Rei* continuava a avançar regularmente e a divisão grega ainda se encontrava parada, completando as suas linhas à medida que os retardatários iam chegando. *Ciro*, cavalgando um pouco à frente das linhas, olhava em ambas as direções, examinando os seus amigos e os seus adversários.

Xenofonte de *Atenas*, vendo-o, cavalgou desde a ala helénica para se encontrar com ele e perguntou-lhe se tinha algumas ordens a dar. *Ciro*, abrandando o seu cavalo, pediu-lhe que anunciasse que tanto os auspícios como o exame das vítimas eram favoráveis.

Enquanto ainda falava, ouviu um confuso murmúrio que percorria as fileiras e perguntou o que se passava. *Xenofonte* respondeu que era a senha que estava a ser transmitida pelas fileiras⁴⁰. *Ciro* ficou intrigado com quem teria dado a senha e perguntou qual era. “*Zeus Salvador e Vitória*”, foi-lhe respondido. “*Aceito-a*;

⁴⁰ Num combate hoplita a visão dos combatentes era limitada e, como as tropas muitas vezes tinham armamento semelhante, era difícil distinguir entre amigo e inimigo. Daí a necessidade de uma senha para identificar os combatentes. Tucídides relata uma batalha durante a expedição à Sicília na qual os *Atenienses* foram muito castigados em virtude de os *siracusanos* terem descoberto a sua senha (*Tucídides* 7.44.4).



A Expedição dos Dez Mil